

CULTURA E MEDIAÇÃO EM GRACILIANO RAMOS

José Carlos GARBUGLIO*

Quando relata a entrada dos soldados da República que iam combater Antonio Conselheiro nos sertões da Bahia, Euclides da Cunha enfatiza a surpresa com que são colhidos diante da estranha sensação de estarem penetrando outro país, habitado por outra gente, portadora de outros costumes e a falar outra língua. Entre os dois grupos não era mais possível o entendimento, a tal ponto havia chegado a separação entre interior e litoral, entre cidade e campo. Eram dois agrupamentos que avançavam paralelamente na história, dois mundos desconhecidos que, de repente, se viram colocados em confronto.

De certo modo, é esta a sensação com que se sai do romance *Angústia* (Ramos, 1953), quando se observa de perto a personagem Luís da Silva em contraste com seu meio. Ao contrário de Paulo Honório, a vitoriosa personagem de *São Bernardo* (Ramos, 1951), que tem um percurso ascendente e

* Docente aposentado da FFLCH-USP

** *Os novos expedicionários ao atingirem-no perceberam esta transição violenta. Discordância absoluta e radical entre as cidades da costa e as malocas do interior que desequilibrava tanto o ritmo do nosso desenvolvimento evolutivo e perturba deploravelmente a unidade nacional. Viam-se em terra estranha. Outros hábitos. Outros quadros, outra gente. Outra língua mesmo, articulada em giria original e pitoresca. Invadia-os o sentimento exato de seguirem para uma guerra externa. Sentiam-se fora do Brasil. A separação social completa dilatava a distância geográfica; criava a sensação nostálgica de longo afastamento da pátria. (CUNHA, 1933, p. 521)*

integrativo, Luís da Silva descreve um processo lento e continuado de decadência, desde a dissolução da grande família, comida pelo tempo e pela perda da fiança, até a transformação do possante e sonoro nome do avô Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva no vulgar e desenxabido Luís da Silva do descendente. Recalcado e abúlico, sem energias para lutar ou para impor-se nem possibilidades de retorno, ele se mostra em tudo incapaz. Incapaz de compreender sua gente, a de que proveio e a com que está em relação. Sem jeito para estabelecer formas de convívio ou participação, acaba por pendurar-se na burocracia oficial e, sozinho, enfrenta os dias numa agonia cinzenta e inglória.

Pequeno intelectual cidadão de classe média, seu deslocamento espacial pode ser visto como metonímia do intelectual brasileiro, a viver fora do espaço próprio, por força de um grande número de fatores nem sempre muito claros. Persistindo naquela faixa interposta de cidadãos, espremida entre as outras, não consegue dela se libertar nem conquistar lugar apropriado de encaixe. Já não pode entender-se com os de cima, donde proveio e de que se afastou por causa das posições assumidas e principalmente pela aquisição de uma linguagem de pequeno letrado em que se introduz o vago desejo de reformas sociais, nem tampouco logra entender-se com as camadas populares, de que se distanciou, por outras tantas razões, permanecendo na posição intermediária, a meio caminho entre uma e outra. Muito pior. Sem capacidade efetiva para vencer as distâncias e definir-se por uma delas, tem aumentadas a instabilidade e insegurança. Nesta encruzilhada, seu drama, agravado pelo equilíbrio precário, tende a crescer para chegar ao impasse que anuncia na violência potencial a única forma de saída.

Em *Angústia* (RAMOS, 1953) há uma passagem que torna exemplar esta posição, ajuda a aclarar o texto e o contexto e permite a iluminação de um pelo outro:

Levantava-me, subia a ladeira Santa Cruz, percorria ruas cheias de lama, entrava numa bodega, tentava conversas com os vagabundos, bebia aguardente. Os vagabundos não tinham confiança em mim. Sentavam-se como eu, em caixões de querosene, encostavam-se em balcão úmido e sujo, bebiam cachaça. Mas estavam longe. As minhas palavras não tinham para eles significação. Eu queria dizer qualquer coisa, dar a entender que eu também era vagabundo, que tinha andando sem descanso, dormido nos bancos dos passeios, curtido fome. Não me tomariam a sério. Viam um sujeito de modos corretos, pálido, tossindo por causa da chuva que lhe havia molhado a roupa. A luz do candeeiro de petróleo oscilava no balcão gorduroso. Homens de camisa de meia exibiam músculos enormes, que me envergonhavam. Encolhia-me timidamente. Não simpatizavam comigo. Eu estava ali como um repórter, colhendo impressões. Nenhuma simpatia. A literatura nos afastou: o que sei deles foi visto nos livros. Comovo-me lendo os sofrimentos alheios, penso nas minhas misérias passadas, nas viagens pelas fazendas, no sono curto à beira das estradas ou nos bancos dos jardins. Mas a fome desapareceu, os tormentos são apenas recordações. Onde andariam os outros vagabundos daquele tempo? Naturalmente a fome antiga me enfraqueceu a memória. Lembro-me de vultos bisonhos que se arrastavam como bichos, remoendo pragas. Que fim teriam levado? Mortos nos hospitais, nas cadeias, debaixo dos bondes, nos rolos sangrentos das favelas. Alguns, raros, teriam conseguido como eu, um emprego público, seriam parafusos insignificantes na máquina do Estado e estariam visitando outras favelas, desajeitados, ignorando tudo, olhando com assombro as pessoas e as coisas. Teriam as suas pequeninas almas de parafusos fazendo voltas num lugar só.

.....

...os bordões do violão gemiam, as gargalhadas sonoras da mulher enchiam a praça. A história que o homem acaboclado, de peito cabeludo e cicatrizes no rosto, contava ao engraxate devia ser interessante. Gestos expressivos, provavelmente façanhas de capoeiras. Eu não compreendia a linguagem do narrador, as particularidades que provocavam admiração perdiam-se. As gargalhadas da mulher transformavam-se naquela viagem curta aos meus ouvidos, chegavam-me frias, geladas. E a marcha do carnaval entristecia nos bordões do pinho. Todas aquelas pessoas entendiam-se perfeitamente. Diferiam muito umas das outras, mas havia qualquer coisa que as aproximava, com certeza os remendos, a roupa suja, a imprevidência, a alegria, qualquer coisa. Eu é que não podia entendê-las. - Sim, senhor. Não Senhor. Entre eles não havia esse senhor que nos separava (RAMOS, 1953, p. 123-128).

Acompanhado de perto, o texto revela vários graus de compromisso, de separação e alienação. O primeiro ponto a destacar é o do deslocamento de alguém que transita de um lado para outro sem conseguir encontrar-se, evidenciando o desequilíbrio e descontrole que explicam a busca desta espécie de elo perdido, despojado da mulher que lhe arrebatara Julião Tavares, o lado mandante da sociedade, já desorientado e inseguro, Luís da Silva se perturba ainda mais. Ao partir sem rumo, no momento de angústia, bate de encontro ao outro lado desta mesma sociedade, num botequim, onde se depara com um grupo de trabalhadores, com os quais ensaia contacto, por princípio impossível. A distância entre ele e o grupo fixa com clareza sua posição intermediária entre os dois polos sociais. Alargando-se o sentido, pode-se dizer que há um contexto mais amplo, povoado por outros tantos luíses da silva.

Na sua vida de recluso, fechada consigo mesmo, de horizontes limitados, aparece em certa ocasião uma mulher - Marina - como ponto de apoio e um vago aceno de saída do impasse em que se encontra. Remota, embora, ela é também possibilidade de afirmação, que se torna perigosa pela instabilidade do carácter de Marina, pela sua ânsia em aparecer, pelo desejo de trocar de vida e posição. Os acontecimentos em que ambos se envolvem provocam outra forma de desequilíbrio e o empurram mais para o isolamento, ao ampliar as fronteiras da desconfiança.

Deste modo, o menino que sempre brincou só, o adolescente que nunca teve companhia, o adulto incapaz de se relacionar e encaixar em quaisquer das versões sociais existentes, que procede de um clã despedaçado, se vê definitivamente no meio, entre as duas versões da sociedade que lhe são estranhas, isto é, continua só. A percepção desse distanciamento se concretiza no momento em que ele penetra a bodega - bar de arrabalde -, recanto de lazer de trabalhadores, onde um grupo descontraído bebe, canta, toca, se entretém e, principalmente, se entende numa linguagem comum. Na tentativa de aproximação, Luís da Silva sente que nenhuma afinidade existe entre ele e o grupo; que uma profunda, radical e definitiva separação se manifesta e os coloca em posições antípodas, ao mesmo tempo

em que se revela e ganha corpo sua distorcida visão do mundo brasileiro.

Intelectual pequeno burguês, suas formas de conhecimento são indiretas, mediadas pela escola, pelos livros, por outra linguagem e por outros hábitos que os distanciam, fazem circular valores e conceitos diferentes dos que compõem a vida daquela gente, seus longínquos patrícios. O narrador deixa esta idéia ao afirmar que foi a literatura, isto é, o modo de conhecimento e aprendizado, que os afastou. E aí é possível detectar a raiz de outro problema angustiante: enquanto este pequeno intelectual chega “às fontes da vida” mediado por outros aparelhos, descrevendo longo e penoso caminho, aquele grupo de pessoas que pertencem ao “povo” vive diretamente a realidade, sem que vias travessas mediem seu contacto.

Para eles, Luís da Silva é gente de fora, está do outro lado, gera desconfiança. Aparece ali como adventício a colher informações sem nada perceber do que se passa. Funciona assim, também ele, como outro intermediário a pôr em circulação mais uma visão daquele agrupamento, tão distorcida quanto outras. Falta comunhão, sintonia para pôr nas palavras o sentimento da participação, como naquele “Acalanto do seringueiro” de Mário de Andrade. A literatura se converte, neste caso, numa forma de dizer o outro sem conhecê-lo, sem capacidade para pôr-se em sintonia com ele porque não sabe como ele é nem como vive. É também um alerta.

Graciliano Ramos sempre insistiu no fato de que o intelectual brasileiro corre o risco de falar de uma realidade que não conhece, com a qual não conviveu, deixando-se embalar por certas cantilenas que ajudam a deformar ainda mais o já precário conhecimento que temos de nós próprios. Há uma voz estranha que interfere nesta visão, de modo que já não pode ouvir a sua nem compreender o acento que entoa a do outro. Aliás, a primeira reação de Luís da Silva diante do grupo trai aquele preconceito de classe e de cultura, que pode ser visto como marca de um comportamento sempre apressado e de pouca responsabilidade quando se afirma isto ou aquilo de alguém, como faz Luís da Silva ao tratar o grupo de “vagabundos”. O processo narrativo trabalhando o discurso, no entanto, faz aflorar

o equívoco, na medida em que a consciência corrige as distorções enquanto conduz a uma espécie de reparação. Não se trata de vagabundos, mas sim de trabalhadores, gente simples que a outra faixa social tem usado em benefício próprio.

A montagem do texto ressalta também as indecisões da personagem, seus avanços e recuos. Ao mesmo tempo faz surgirem os prejuízos, afirmações infundadas, numa linguagem que dá certa medida dos componentes ideológicos, próprios das classes mandantes sempre prontas a destilar desinformações. Do mesmo modo é possível colher uma idéia da permanência da situação apontada, de manutenção da estrutura, quando o texto projeta as ações para um tempo futuro. Vêm-se os membros do grupo condenados a manter as mesmas posições de desocupados ou subocupados.

Já explorada no caso de Fabiano, no romance *Vidas Secas* (RAMOS, 1960), esta situação se apresenta na linha de continuidade do esquema levantado por Euclides da Cunha na segunda parte de *Os Sertões* (CUNHA, 1933) e mostra uma sociedade impermeável e arcaica, eivada de preconceitos, muito próxima das sociedades primitivas. Intelectuais tipo Luís da Silva pouco a conhecem em seus mecanismos e relações cotidianas. Por isto mesmo, só podem chegar a ela mediados, não raro, por outras culturas, o que explica o estranhamento e o espanto que assaltam o espírito da personagem. A perplexidade gerada pela visão repentina da realidade que lhe surge diante dos olhos atônitos tem a mesma função daquela paisagem com que se deparam os soldados da República quando penetram o sertão para dar combate aos homens do Conselheiro. Produz a mesma dolorosa revelação de que à sua proximidade geográfica não corresponde nenhuma proximidade cultural e humana.

Se o que se pode descortinar por detrás da postura de Graciliano Ramos é, sobretudo, a Literatura Brasileira anterior à experiência modernista, que procurava reverter a tendência, é preciso admitir que o problema ainda se faz presente nos quadros atuais, persiste e resiste sob as formas mais variadas. Boa parte, mesmo do chamado mundo intelectual, continua a desconhecer o que se passa com o povo e com sua língua, por força de uma repulsa instintiva a tudo o que lhe diz respeito,

principalmente pelo preconceito de que arte é outra coisa e usa outra linguagem. Neste sentido, é ilustrativo o esquema adotado na composição do romance *São Bernardo* (Ramos, 1951), particularmente as reações do anti-intelectual Paulo Honório, personagem-narrador. Criado fora do circuito letrado, não se deixa envolver nem contaminar pela tradição do falar inchado, responsável, em tese, pela má qualidade de boa parte da Literatura Brasileira. Quando Paulo Honório repele as propostas da personagem Azevedo Gondim, que admite a existência de uma linguagem para o dia a dia e outra para a escrita, demonstra que o problema estava vivo e presente na época em que se compunha o romance e que era preciso insistir em sua condenação:

quinze dias depois do nosso primeiro encontro, o redator do Cruzeiro apresentou-me dois capítulos datilografados, tão cheio de besteiras que me zanguei:

- Vá para o inferno, Gondim, você acanhou o troço. Está pernóstico, está safado, está idiota. Há lá ninguém que fale dessa forma!

Azevedo Gondim apagou o sorriso, engoliu em seco, apanhou os cacos de sua pequenina vaidade e replicou amuado que um artista não pode escrever como fala.

- Não pode? perguntei com assombro. E por quê?

Azevedo Gondim respondeu que não pode porque não pode.

- Foi assim que sempre se fez. A literatura é a literatura, seu Paulo. A gente discute, briga, trata de negócios naturalmente, mas arranjar palavras com tinta é outra coisa. Se eu fosse escrever como falo, ninguém me lia. (RAMOS, 1951, p. 9)

Esta oposição língua escrita/língua falada, o preconceito de arte como algo especial, acima do comum e ordinário, muito bem apanhado pelo texto de Graciliano, repõe em circulação a velha questão da arte. O fato artístico é visto como algo fora das coisas comuns, decorre de predisposições singulares, pertence a uma classe e a ela se destina. A atitude implica um claro distanciamento entre essa concepção de arte e as raízes populares, que deveriam funcionar como fonte de alimentação do ato criador. O procedimento implica alienação e desinformação e faz o escritor viver fora do seu espaço,

destituído de condições para compreendê-lo. Sendo outro seu mundo e formas de preocupação, está fora do contexto, não pode atuar nem lutar para sua alteração. Decorre daí o desconhecimento do país real, a que se tem acesso, quando muito através de canais intermediários; e do qual se formulam versões contraditórias que ainda podem ser desfiguradas pela carga ideológica que insiste naquilo que não é com a intenção de forjar imagens representativas, mas sem vínculos com a realidade de origem. Assim, na versão ufanista, em consonância com a visão otimista e interessada do colonizador logo depois da descoberta, gerou-se o mito da terra farta e fértil, do espaço paradisíaco e do reino da esperança. Imagens recorrentes, periodicamente retomadas pela literatura oficial, de encomenda, reaparecem toda vez que é preciso incentivar o “amor da pátria”, como se viu durante o Estado Novo e nos anos 70. Na versão crítico-pessimista - oposta à idealização romântica e conseqüente às teorias raciais e neocolonialistas de fins do século XIX - geraram-se os processos de descrença nas possibilidades do país e de seu habitante mais característico, o mestiço, considerado sùmula de todas as desvirtudes e fraquezas humanas - “breve estágio” entre duas “raças” - condenado ao desaparecimento. O racismo dos gobineaus da vida entrava garganta abaixo de homens que pareciam lúcidos ao ensaiarem as primeiras interpretações do homem brasileiro e deixava em sua esteira um gosto amargo de incompetência e impossibilidade.

Em qualquer das versões sobreexiste uma intencional deformação de fatos, ou porque os pressupostos são falsos e conduzem a distorções inevitáveis, ou porque a imaginação, trabalhada pela ideologia da conquista, traduz a herança do colonizador. A pressa e o desespero diante do quadro de carências acabam por obscurecer a capacidade de discernimento, perturbam o equilíbrio e enfraquecem o espírito, tirando a paciência necessária para examinar com atenção as regras do jogo, propor mudanças ou lutar por elas. No primeiro caso, a ótica que conduz o escritor sofre a mediação das mais diferentes linguagens e se deixa embair pela idéia de grandeza. Servindo de modelo e balizando a criação da imagem local, a mediação reduz a criação literária a prolongamento secundário e desfibrado da

linguagem que modelou a fisionomia da conquista. No segundo, foram avassaladores o peso e o fascínio exercidos pela cultura dos centros hegemônicos sobre os intelectuais brasileiros, que a aceitaram não apenas como válidas mas muitas vezes como única.

Curiosamente, existem dois dados que caminham paralelos em fins do século passado entre nós: a atmosfera de carregado pessimismo, de descrença em nossas possibilidades e destino e, ao mesmo tempo, talvez como forma compensadora, a obsessão do purismo lingüístico, da correção gramatical como sucedâneo do impossível purismo "racial" tão apregoadado na época. Era um jeito de dizer: não pertenço a essa malta, guio-me por outras coordenadas. Em tudo isto existe um claro retrocesso, uma freada no avanço dos fatos, que ajudam a compreender o aparecimento de inúmeros gramáticos, de casticistas belicosos, ciosos no estabelecimento das boas matrizes da língua portuguesa em que procuram atrelar a língua que se fala no Brasil. Há um pressuposto conservador que guia esta gente: só existe uma forma correta, concebida estaticamente: a língua dos clássicos quinhentistas. A outra, dinâmica e atuante, a que dá conta da língua viva era simplesmente ignorada. É exemplar neste caso a atitude assumida por Rui Barbosa, para muitos até hoje modelo do bom escrever e falar.

- * Pouca gente sabe que, quando Rui Barbosa se pronunciou sobre o Código Civil Brasileiro que acabava de ser redigido por Clóvis Beviláqua, anteprojeto que deveria ainda passar pelo Senado, no lugar de se debruçar sobre o texto como jurista, que era supostamente sua especialidade, objetivando dar-lhe maior representatividade e torná-lo melhor adequado às necessidades e índole de nossa gente, o que o senador-jurista fez foi meter-se e corrigir supostos erros de português a partir de critérios classistas e neocolonialistas. Tinha em mente a idéia de casticismo e purismo lingüísticos que os gramáticos da época puseram em circulação, na cola da reação racista que então se desenvolvia em toda a Europa. Daí seu apelido de gramatiquero impertinente, mestre-escola sempre de palmatória em mãos à procura de piolhos da linguagem. Ficou célebre a polêmica em que ele se meteu com o professor Ernesto Carneiro Ribeiro por causa do ante-projeto, até agora lembrada com saudades por muita gente. Ninguém opinou sobre a substância mesma das leis que iam reger nossas vidas. Era uma questão de gramática..

Seria muito ingênuo debitar tudo isto à conta do exclusivo desejo de pureza e de perfeição formal, como pretenderam alguns especialistas em exames apressados. No mínimo servia para evitar a atenção do objeto central, o Código, que ficava para segundo plano.

Outro dado, no mínimo curioso, é que não foi a fama de jurista, de defensor de leis e princípios que se prolongou até nossos dias, mas exatamente o renome de gramatiqueiro, de conhecedor da língua, como se isto fosse um título honroso.

Já vimos como Graciliano coloca em *São Bernardo* (RAMOS, 1951), quando o narrador afasta a colaboração do letrado/citadino sob a alegação de que a linguagem usada na escrita estava pernóstica: leia-se palavrosa e vazia, cheia dos vezos da gramatiquice e da eloquência de que o parnasianismo acabou modelo entre nós. Graciliano faz ver que entre a linguagem do dia-a-dia e a linguagem da literatura escrita não deve haver tais barreiras, que são antes barreiras classistas. De modo mais crítico e incisivo, ele volta ao problema em *Angústia* (RAMOS, 1963), quando aponta no artificialismo da cultura as causas do afastamento entre personagens e realidade. Dando estatuto de pequeno literato à personagem Luís da Silva, mostra-o sem condições de ler diretamente o meio em que vive. Ao se distanciar da sua gente, sente que não mais é capaz de entendê-la, nem senti-la, porque entre ambos se interpôs um mecanismo de mediação insuperável. No mesmo romance existe uma passagem exemplar neste sentido, curiosamente também em conversa de botequim de periferia:

Puxei a cadeira, afastei-me daquele homem indiferente. Estupidez. Imaginar que as letras sempre tinham estado na parede. Inútil conversar com ele. Tenho lido muitos livros em línguas estrangeiras. Habituei-me a entender algumas. Nunca me serviram para falar, mas sei o que há nos livros. Certas personagens de romance familiarizaram-se comigo. Apesar de serem de outras raças, viverem noutros continentes, estão perto de mim, mais perto do que aquele homem de minha raça, talvez meu parente, inquilino de um dr. Gouveia, policiado pelos mesmos indivíduos que me policiam". (RAMOS, 1953, p. 184).

O conflito em que se debate a personagem é um tardio rebate da consciência que se dilacera à procura de si mesma no meio em que, apesar de seu, perdeu as coordenadas e se sente estrangeiro. Por força de um demorado convívio com o que não lhe pertence, que começa no plano da arte e se prolonga no das relações ordinárias, acaba por perder também os vínculos com a realidade circundante e a agravar a precária identidade com sua cultura e sua gente. Nalguns casos esse desenraizamento se torna irreversível.

À medida que o processo adquire contornos mais nítidos, essa espécie de intelectual, de que Luis da Silva se constitui ponto de referência, tende a entrar em crise, avolumando as contradições em que vive. A desconfortável sensação de se sentir alijado daquele mundo aparentemente tão próximo, mas com que não pode conviver, por força de solicitações opostas e diferentes, desorienta e traumatiza. Fecha-lhe o espaço em que sua ação deveria se exercer e impede o alcance da identidade própria, de aceitação e comunhão cultural. A denúncia ainda é insuficiente para explodir o conjunto de valores que lhe governam a conduta, mas descortina o caráter heterogêneo e contraditório do intelectual periférico, cujo centro de controle se encontra em outra realidade. De qualquer modo, esta a face positiva do problema, porque desperta e açula as contradições. Pede revisões. Não é singular, no entanto, que provoque atitude inversa. Sentindo-se carente de apoio interno, sem perspectiva de reconhecimento de seus valores, pode partir à busca de outro espaço como forma compensatória, entregando-se a um exílio voluntário e descaracterizador. Este o perigo maior. Certos intelectuais brasileiros, os hispano-americanos com mais freqüência, buscam outras culturas - em especial européias - em que reconhecem os padrões considerados superiores e com os quais se julgam identificar. É um nítido processo de retorno provocado pela nostalgia da cultura do colonizador, ainda suficientemente forte para provocar sedução. E neste "transoceanismo", para usar expressão conhecida, está todo o jogo da identidade cultural e de suas formas de afirmação. O prolongamento dessa tutela representa uma forma de dependência ainda forte entre nós. A antropofagia cultural foi insuficiente para liquidar e mesmo minimizar o problema ou

produzir o ato integrativo. Na verdade, aí se encontra um duplo desenraizamento. À incorporação de uma cultura que não é sua nem de sua gente, corresponde igual deslocamento espacial de quem foge de coordenadas próprias para situar-se em outras latitudes. Enquanto perduram essas posições, o aspirado encontro com identidade própria vai-se protelando, as contradições se avolumam e o desequilíbrio tende a aumentar.

Comparado ao brasileiro, o caso hispano-americano parece mais grave, pois o deslocamento não se realiza apenas em nível espiritual, mas de forma efetiva. Procura-se com avidez os centros de irradiação artística, em busca de algo diferente: prestígio, reconhecimento ou simplesmente oportunidade. O número de sul-americanos que vivem fora dos respectivos países, especialmente na Europa, é muito grande. A indiferença de que se julgam vítimas ou a presuntiva hostilidade local ajudam a compreender o comportamento, justificam os casos isolados, mas dificultam o questionamento da situação. Oriunda de causas diversas e complexas, a situação se vai agravando com a administração de doses significativas, destiladas pelas ideologias mandantes. Perceber e superar esta realidade tem importância fundamental para fazer avançar o reconhecimento dos limites espaciais, de ação e atuação. Até certo ponto foi o que conseguiu a música popular brasileira que, sem a tutela cultural externa (sei que há mil outros fatores), soube conquistar terreno e direito à cidadania, com tudo o que possa haver de cooptação e de utilização pelos mecanismos oficiais. Tem hoje um terreno reconhecido que a literatura ainda luta para encontrar.

A verdade é que, vivendo fora, de fato ou em espírito, circulando em outras coordenadas e atuando com outros registros, fica difícil participar de forma concreta deste nosso mundo, aceitar e compreender as necessidades e os anseios de sua gente. Esta falta de identificação cultural leva o escritor à procura de modos de equilíbrio ou de atitudes compensatórias que acabam por tornar dramática sua atividade e relação com a sociedade. Existe aí um duplo movimento: a saída, para encontrar elementos que supram as carências, é também fator de afastamento e, pois, o reconhecimento da impossibilidade para suprir aquelas carências. Doutra parte, sem viver na pele as contradições, sem experimentar a agrura dos problemas, não se

criam condições necessárias à compreensão de valores culturais próprios, persistindo a aceitação dos que lhe foram impostos, em geral, de cima para baixo. E este complexo de fatores acaba por assegurar a continuidade das distâncias e abafar manifestações culturais de natureza e origem diversas das formas tuteladas. Deste modo, consciente ou inconscientemente, o intelectual contribui para que o muro separador, erigido como defesa de classe e cultura, continue e conserve sua validade ao longo da história, assegurando o pressuposto colonizador.

Em *Angústia*, pode-se dizer que existe uma metáfora desta situação, válida inclusive para o resto da América Latina. A luta quase desesperada para encontrar-se e encontrar o próprio destino é necessidade de libertação tão forte que se torna objetivo prioritário e se confunde com o encontro do próprio destino da nação, cada vez mais descaracterizada pela superposição de outras influências. A perdurar o processo de afastamento, esta ligação com outros centros, o desconhecimento de uns pelos outros persistirá, repetindo e eternizando o velho gesto colonial de dirigir-se à Metrópole - leia-se centro hegemônico - desculpando e pedindo licença para continuar escravo. Embora superado em alguns pontos, aqui sobrevive o toque dramático do exercício intelectual entre nós, processo homólogo a outras áreas de conhecimento, análise e pesquisa. Desligado das velhas matrizes culturais que lhe nutriram o berço e a formação, distanciado do seu povo e de seus pares, sem convívio com vizinhos igualmente isolados, sem coragem para integrar-se na comunidade, distante das raízes populares e cioso de sua posição, a única saída que resta a este intelectual é o isolamento e esta sensação romântica de estar solitário dentro do país e no meio do "seu" povo. Produto do distanciamento sempre alimentado pelas estruturas ideológicas do colonizador, ou ele rompe com o processo e se incorpora ao "projeto" em curso, e passa a integrar a "subcultura" que se forja de modo diferente da apregoada oficialmente, mas com mais autenticidade, ou fica, como Luís da Silva, só.

Associando as posições expostas acima com as desenvolvidas em "Inácio da Catingueira", crônica de *Viventes das Alagoas* (RAMOS, 19962b) e "O fator econômico no romance brasileiro", crônica de *Linhas Tortas* (RAMOS, 1962a),

é possível apreender o sentido de correlação entre ambas. Preocupação constante de Graciliano Ramos, esta tendência ao isolamento e à separação aparece como centro nervoso da cultura/literatura brasileira, porque nela se instala o impasse do intelectual e de sua atividade, o jogo de carências e necessidades. Ou se caminha para a sua superação ou se eterniza a separação. De um lado, receio e ignorância, de outro, desprezo e arrogância constituem as marcas dos falsos pudores que identificam esta tendência, distinguem aqueles que sempre evitaram tratar as estruturas reais do país, mantendo-se a uma conveniente distância do objeto tratado, que raramente aparece em suas dimensões exatas. Ou, o que pode ser ainda pior, passam a enfrentá-los com instrumentos inadequados à sua prospecção, como foi o caso dos trabalhos que tomaram por base as teorias científicas de fins do século passado - concebidas para outra realidade ou com outra finalidade - como as teorias racistas com seu cortejo de preconceito, a começar pela malfadada idéia de superioridade racial, de triste memória e desastrosas conseqüências. Assim, por falta de instrumentos ou com instrumentos inadequados, torna-se difícil examinar e compreender as engrenagens que movimentam a máquina ou a máquina mesma. A sedução das grandes culturas, associada à depreciação da cultura local, eram mais fortes que as necessidades de a resolver; e poderosa bastante para alimentar o processo de isolamento e esta terrível situação brasileira em que a idéia de povo, quase sempre, exclui o falante, pois implica menosprezo e repulsa, de modo a referir-se ele, povo, sempre como objeto, terceira pessoa em que não se está incluído. As pessoas ainda têm receio de ver-se confundidas com a massa dos despossuídos e humilhados. Essa postura teve reflexos enormes na literatura brasileira.

Penso no passado não muito remoto, mas não creio que o presente esteja liberto destas amarras e preconceitos. Se a partir do Modernismo se pode observar uma maior aproximação entre as partes, dentro de projeto ousado e generoso em que se pressente a vontade de romper e superar os preconceitos para uma melhor compreensão da realidade, creio que só muito recentemente e timidamente essa relação de dependência começa a ser violada. Escritores oriundos de outras matrizes -

que não as tradicionais - sem os preconceitos e principalmente sem os compromissos das classes altas, aceitam a idéia de se pensar como “povo” e por conseguinte a atribuir-lhe também o direito de fala e a capacidade de voz.

A contribuição de Graciliano Ramos nesta direção foi importante e decisiva. Sem apelar para modismos nem fazer concessões ou estropiamentos de linguagem, mas consciente de suas funções e compromissos com o seu meio - certo de que o povo anônimo tinha direito à representação e à voz - trouxe-o para primeiro plano, deu-lhe tratamento adulto e estatuto de gente. Ao mesmo tempo desmistificava preconceitos do pequeno burguês brasileiro, com foros de intelectual, mostrando-o prisioneiro de fundas contradições e vítima de uma funesta herança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CUNHA, E: *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1933.
RAMOS, G. *Angústia*, 6ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953.
RAMOS, G. *São Bernardo*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Martins, 1951
RAMOS, G. *Linhas tortas*. São Paulo: Martins, 1962a.
RAMOS, G. *Vidas secas*. 6ª ed. São Paulo: Martins, 1960.
RAMOS, G. *Viventes das Alagoas*. São Paulo: Martins, 1962b.